

O DESAFIO DAS MEGACIDADES

Maurício Waldman¹

As modalidades de ocupação do território, sua dinâmica e forma de reprodução espacial influenciam diretamente a administração dos recursos ambientais. Dentre estas modalidades cabe menção obrigatória ao espaço urbano.

A cidade, particularmente a grande cidade moderna, tem desempenhado o papel de símbolo máximo do mundo artificial criado pelos humanos. Funcionalmente, o meio urbano contemporâneo solicita enorme volume de materiais, água e energia, todos indispensáveis para seu funcionamento.

Enquanto um sistema, a urbe moderna exerce pressão tremenda sobre o ambiente. Isto pode ser avaliado em relatório divulgado pela organização World Watch Institute. Este estudo assinala que as cidades ocupam somente 2% da superfície terrestre. Mas, contribuem para o consumo de 76% da madeira industrializada e 60% da água doce. De modo geral, consomem 75% dos recursos retirados da natureza.

Os impactos da vida urbana na natureza são indiscutíveis. Por exemplo, a cidade de Londres, uma típica megacidade do Iº Mundo, requer área 120 vezes maior do que a que ocupa para obter recursos para sustentar seus habitantes. Nesta contabilidade perturbadora, caso o padrão dos londrinos fosse estendido para o resto das populações urbanas do mundo, seriam necessários três planetas Terra para sustentar as cidades!

Questão estratégica, compreender a escala dos impactos do meio urbano mundial reclamaria concentrar nossa atenção em quatro fatos estruturais básicos:

Em primeiro lugar, estão os aspectos quantitativos da urbanização mundial. As cidades foram alimentadas por migrações numa escala historicamente sem precedentes. Tomando o Planeta como um todo, a população considerada urbana era apenas 1,7% do total no início do século XIX; em 1950, o percentual chegou a 21%; passou para 25% em 1960, 37,4% em 1970 e cerca de 41,5% em 1980. Enfim, acredita-se que no início do Séc. XXI metade da população mundial estivesse abrigada pelo meio urbano.

Em segundo, estão os aspectos qualitativos desta urbanização. No passado, as cidades eram pequenas e ainda não haviam perdido seu vínculo com o meio rural. Porém, a partir do Séc. XVIII a população urbana mostra tendência de concentrar-se em cidades cada vez maiores, formando metrópoles, e posteriormente megalópoles, as maiores manchas urbanas da história. Outra mudança é que as maiores cidades mundiais tenderam a se concentrar no IIIº Mundo. Em 1950, 7 das 15 maiores aglomerações situavam-se nos países desenvolvidos, proporção que diminuiu drasticamente para 3, no ano 2000.

Em terceiro, as cidades modernas formam uma rede. Este conjunto mantém estreito relacionamento entre si, especialmente no plano econômico. A rede mundial de cidades, constituindo o centro da ordem econômica, social e geopolítica existente, transformou o planeta inteiro numa espécie de entorno das metrópoles. Sendo historicamente verdadeiro que a cidade subordinou o campo, hoje isto significa que as metrópoles colocaram o Planeta sob seu comando, um conjunto dominado pelas megacidades dos países centrais.

Em quarto, a configuração urbana global é desigual, articulando as cidades de modo hierarquicamente diferenciado, demograficamente polarizado e diferencialmente integrado na economia mundial.

¹ Maurício Waldman graduou-se em Sociologia (USP), é Mestre em Antropologia (USP) e Doutor em geografia (USP). Consultor Ambiental, desenvolve atualmente seu Pós-doutorado no Depto de Geografia do Instituto de Geociências da UNICAMP. Bolsista do CNPq.

Neste cenário, um dado relevante é a mudança das taxas de expansão da urbanização. Desde meados do século passado, o crescimento urbano deslocou-se para o IIIº Mundo. Relatório da UNESCO datado de 1985 advertia que por volta do ano 2.000, quando metade dos 6 bilhões de humanos estaria concentrada em áreas urbanas, 2 bilhões residiriam em cidades periféricas e 1 bilhão, nas do Iº Mundo. Subscrevia também que das 60 cidades com mais de 5 milhões de habitantes, 47 estariam situadas no IIIº Mundo. Esta parte do globo concentraria também 12 das 15 megalópoles.

Estes dados foram confirmados em larga medida. Em 2005, das 15 maiores cidades, somente 4 eram do Iº Mundo. Entretanto, esta participação já foi bem maior. Em 1950, 7 das 15 maiores aglomerações situavam-se nos países centrais. Para o ano de 2015, prevê-se que apenas 5 metrópoles do Norte - Tóquio, Nova York, Osaka, Los Angeles e Moscou - estarão entre as 22 maiores cidades do mundo.

Note-se também que a grande cidade se tornou extra-européia. Atualmente, das 20 maiores cidades do mundo, 11 são asiáticas (incluindo Tóquio e Osaka, metrópoles afluentes), 4 são latino-americanas (Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires), 2 são africanas (Lagos e Cairo) e duas, norte-americanas (Nova York e Los Angeles). Apenas uma cidade européia - Moscou - figura entre as 20 megacidades.

É interessante assinalar que a Europa, justamente o berço da civilização urbana moderna, não abrigará nenhuma das 20 metrópoles mundiais em 2015. Na relação das grandes cidades, Londres, que sempre liderou internacionalmente o mundo urbano, estará ausente. E o que falar de Roma, Paris, Berlim e Viena, que em 1900 constavam entre as dez maiores cidades?

Não há dúvida alguma: acintosamente o chamado mundo branco encolheu. As cidades européias e americanas abandonam os seus postos. Assumem seu lugar as megalópoles periféricas, todas apresentando toda sorte de problemas. Em 2015, elas serão 17 das 22 maiores aglomerações mundiais.

Sublinhando: 2015, é historicamente amanhã. Nesta data, estima-se que a 2ª maior urbe do planeta será Mumbai, na Índia, com 22 milhões de habitantes; Daca, capital do miserável Bangladesh, estará então com cerca de 17 milhões; Lagos, na Nigéria, concentrará 16 milhões.

Que tipo de cidades serão estas metrópoles?

Claramente problemáticas, as cidades do IIIº Mundo demonstram que se de fato existe um novo mapa urbano mundial, a escala de prioridades deve acompanhar as demandas que elas tem evidenciado. E, uma mudança de rumos passa tanto pela revisão dos modelos de vida das populações do norte, quanto pelo estabelecimento de políticas que elevem em curto prazo o padrão de vida de milhões de pobres urbanos do Sul.

Desde sua origem, a noção de pertencer à *cidade*, a uma coletividade organizada que reúne um conjunto de *cidadãos*, esteve, recorda Roland Breton em Geografia das Civilizações, semanticamente ligada à de refinamento. A palavra *civilização* proveio, tal como o advérbio *civilmente*, o adjetivo *civil* e o conceito de *civilidade*, do latim *civitas*, cidade.

Desafio inédito, a realidade urbana reclama este resgate do sentido original da palavra. E, que justamente seja esta a nossa meta: cidades justas, sustentáveis e solidárias!

**AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTES ARTIGOS,
DESDE QUE MENCIONADA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:**

WALDMAN, Maurício. O Desafio das Megacidades - artigo eletrônico disponibilizado a partir de Outubro de 2009 na Coluna do Waldman do site Cultura Verde. São Paulo (SP): 2009.

TÍTULOS NA ÁREA DE MEIO AMBIENTE DE MAURÍCIO WALDMAN - EDITORA KOTEV



SAIBA MAIS: http://kotev.com.br/?product_cat=meio-ambiente

EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE